SOBRE O CONCEITO DE FILOLOGIA

Leodegário A. de Azevedo Filho (Professor emérito da UERJ, Titular da UFRJ e Presidente de Honra da Academia Brasileira de Filologia)

No livro de Pascalle Hummel, Histoire de l'histoire de la philologie. Étude d'un genre épistémologique et bibliographique (Genève, 2002), lê-se que o termo filologia, historicamente, tem apresentado diferentes conceituações, com muitas divergências entre os próprios filólogos. E isto se explica em função de questões de ordem metodológica, doutrinária ou mesmo ideológica, envolvendo também vaidades, ressentimentos, discussões e até ódios. Tal discordância ou mesmo desencontro em torno do significado que possa ter o significante filologia tem alimentado, pelo tempo afora, muitas discussões e várias polêmicas. Para alguns, diante de um quadro cheio de controvérsias, a filologia tem sido, simplesmente, um mito. Para outros, como é o caso de Bernard Cerquiglini, no livro Éloge de la variante, com subtítulo de Histoire critique de la philologie (Paris, 1989), a verdadeira filologia é uma ciência moderna que se formou a partir do século XIX, ou seja, coincidindo com o tempo em que foi constituído o moderno conceito de texto. E tal ciência moderna do texto (moderno), anacronicamente aplicada a objetos antigos (gregos, latinos, medievais e clássicos), cuja natureza não seria propriamente ajustável aos textos que Cerquiglini caracterizou e definiu, isso não seria filologia moderna.

Nem se pense que o uso do termo <u>filologia</u> seja um exemplo único. Também a <u>filosofia</u>, algumas ciências e até artes em geral sempre apresentaram, sincrônica e diacronicamente, oscilações e variações semânticas de significados múltiplos. A própria teoria da desconstrução, a partir de Derrida, entende que as palavras são significantes, em plano histórico.

Por outro lado, se examinarmos, atentamente, o trabalho fundador de filólogos alexandrinos, ou então o labor de humanistas dos séculos XIV e XV, a exemplo de um Ângelo Poliziano, de um Guillaume Budé, de um Erasmo, ao lado das atividades científicas de filólogos seiscentistas e setecentistas, ou então se ampliarmos a questão até a revolução operada pelo Romantismo e, também, a consolidação filológica promovida pelo Positivismo, em suma, se trouxermos à colação os avanços da chamada nuova filologia italiana e pela filologia pós-estruturalista, naturalmente vamos encontrar verdadeiro feixe ou universo de diferenças teóricas e metodológicas. As designações da nuova filologia e de new philology, em que os adjetivos assinalam a mudança, a renovação de conceitos, e o substantivo indica claramente a permanência de um saber ou de uma disciplina, tais designações dizem tudo ou trazem elucidações pertinentes.

Com efeito, quando Michele Barbi, em 1938, publicou La nuova Filologia, no seu entendimento, o que era novo era a nítida reação ao que chamou "historicismo

totalitário", uma reação também ao biografismo, responsável pela confusão da vida do escritor com o texto por ele criado, ou seja, a chamada crítica biográfica, e ainda uma reação ao filologismo mecanicista, defensor da edição crítica sem a crítica, ou seja, a emendatio sem a interpretatio. Mais do que isso: a nova filologia era uma reação aos que pretendiam aplicar, cegamente, o método lachmanniano (não nos referimos ao método neo-lachmanniano, pois este valoriza a interpretatio) a todo e qualquer texto, esquecendo-se de que cada texto é um caso singular, um caso único. Na verdade, a nuova filologia de Michele Barbi era uma filologia pós-bedieriana, e, sobretudo, uma filologia pós-crociana, uma filologia depurada de máculas, à luz do pensamento estético de Benedetto Croce.

Além disso, a chamada <u>new philology</u> pós-estruturalista, cuja fundamentação inicial aparece em 1990, em histórico número da revista *Speculum*, só é nova porque, à semelhança da <u>nuova filologia</u> centrada na fonte lachmanniana ou positivista e, ainda, porque incorporou diversas proposições pós-estruturalistas, desde a chamada poética da desconstrução até o chamado <u>novo historicismo</u>. A partir da consciência de orientações neofilológicas, H.U. Gumbrecht não hesitou em afirmar que a relação entre uma edição crítica neofilológica e uma edição crítica de estilo tradicional ou simplesmente lachmanniano era uma relação verdadeiramente incomensurável.

Na conceituação de um dos maiores filólogos do século XX, Erich Auerbach, tem-se, afinal, o seguinte conceito:

La philologie est l'ensemble des activités qui s'occupent méthodiquement du langage de l'homme, et des oeuvres d'art composées dans ce langage. Comme c'est une science trés ancience, et qu'on peut s'occuper du langage de beaucoup de façons différentes, le mot philologie a un sens très large, et comprend des activités fort différentes. Une de ses plus anciennes formes, la forme pour ainsi dire classique, et que jusqu'a ce jour est regardée par beaucoup d'erudits comme la plus noble et la plus authentique, c'est l'édition critique des textes. Le besoin de constituer des textes authentiques se fait sentir quand un peuple d'une haute civilisation prend conscience de cette civilisation, et qu'il veut préserver des ravages du temps les oeuvres qui constituent son patrimoine spirituel.

(AUERBACH: Introduction aux études de philologie romane. Frankfurt am Main, 1949, p.9).

Na raiz do pensamento de Auerbach está o conceito de que a filologia é o estudo da linguagem como instrumento de uma literatura ou de uma civilização. Quando os textos fundadores de uma cultura, de uma civilização, de um povo – como é o caso de Os Lusiadas, de Camões, e sobretudo, da Lírica de Camões – quando esses textos sofrem as deformações provocadas pelo tempo, quando a língua do escritor se corrompe e se vai tornando obscura para os leitores, a filologia toma a seu cargo a preservação, a reconstrução, a depuração e a perfeita compreensão desse patrimônio textual e espiritual.

Auerbach deixa ainda bem claro que a filologia é uma ciência muito antiga e não do século XIX, como pretendia Cerquiglini. No caso, é perfeitamente compreensível e até inevitável que, ao longo de um milênio, a filologia, embora sem afastar-se do seu significado etimológico, tenha seguido orientações e caminhos diversificados, e, por vezes, até opostos e contraditórios, daí surgindo algumas polêmicas e alguns conflitos a que muitos filólogos parecem particularmente inclinados. A mais famosa dessas polêmicas, em plano universal, foi a que se travou no segundo quartel do século XIX, mas com vários antecedentes históricos, entre os partidários da Wortphilologie e os partidários da Sachphilologie.

A chamada Sachphilologie, na sua ambição enciclopédica de abarcar todos os saberes, tem a sua genealogia próxima na concepção iluminista da filologia como um conhecimento totalizador, como se lê na Enciclopédie Française: "La philologie est une espèce de littérature universelle, qui traite de toutes les sciences, de leur origine, de leur progrès, des auteurs qui les ont cultivées." Ou seja: a filologia seria o conhecimento de tudo o que é produzido pelo espírito humano e que se encontra arquivado em textos. Assim, o menor filologema seria de natureza enciclopédica e não poderia ser resolvido senão por um poli-historiador, segundo o pensamento de Friedch Schelegel. Era, portanto, um projeto que, além de ambicioso, se mostrava inteiramente inexequível, pois a modernidade não dispensa a especialização, ao contrário, exige especializações.

Por seu turno, o triunfo da Wortphilologie, ou seja, da filologia da palavra, da filologia do texto, no quadro das humanidades do século XIX, tornou-se inevitável, exatamente por obedecer a um princípio de restrição ou limitação do seu campo de análise e a um princípio de especialização científica, consagrando-se ao estudo da língua e da literatura plantada em textos escritos, embora sem esquecer ou menosprezar os subsídios oriundos de outras áreas do conhecimento humano. O triunfo de tal concepção nos domínios das chamadas "filologias modernas", construídas segundo o modelo legitimador da filologia clássica, ficou a dever muito ao pensamento filológico-político do Romantismo alemão, que via, na língua e na literatura nacionais, as expressões mais profundas e autênticas de cada povo e de cada nação. Nesse sentido é que se diz que um povo perde a sua identidade, quando perde a sua língua. Assim, a aliança da Wortphilologie com a história literária e com a chamada filologia histórica, levada a cabo pelo Romantismo Germânico e, mais tarde, generalizando-se na segunda metade do século XIX, sob o signo do Positivismo, acabou convertendo a filologia numa espécie de disciplina imperial - a expressão é de Vítor Manuel Aguiar e Silva - dos estudos linguísticos e literários das Universidades européias, desde o último quartel do século XX. Os sinais do seu declínio começaram a multiplicar-se, entretanto, desde o início do século passado, século XX, tanto no domínio dos estudos linguísticos, como no domínio dos estudos literários.

No domínio dos estudos linguísticos, o Cours de linguistique générale (1916) do mestre genebrino Ferdinand Saussure, logo na sua primeira página, pôs em relevo

que a filologia tinha como objeto de estudo, para além da língua, a história literária, os costumes, as instituições, as tradições, ou seja, um objeto de estudo claramente heterogêneo. E acentuou, além disso, que, do ponto de vista da ciência linguística, considerava a sua manifesta limitação, por se prender muito servilmente à língua escrita, esquecendo-se da língua viva, da língua falada.

Nos Estados Unidos da América, alguns anos depois, os discípulos de F. Boas, Bloomfield e Sapir, dariam novo impulso aos estudos linguísticos. O primeiro deles, Bloomfield, se voltaria claramente para o estudo da língua viva, ou seja, da língua falada. E o segundo, Sapir, entendia que a língua escrita também devia ser objeto de estudo linguístico, especialmente a língua literária. Daí pra frente a filologia se abriria à modernidade literária e iria dialogar com a teoria da literatura, com as correntes contemporâneas da estilística, da hermenêutica, da semiótica, tudo apresentando frutos ou resultados surpreendentes. Cesare Segre, na Itália, desenvolveria um diálogo fascinante com a semiótica literária, como Amado Alonso e Dámaso Alonso já haviam praticado uma fecunda interpenetração entre os estudos filológicos e os estudos estilísticos. Era, portanto, uma fase moderna, sem dúvida, mas, no fundo, de retorno à tradição filológica, a boa tradição, relacionando-se a nossa disciplina com a sociedade e com a história.

Hoje em dia, afinal, reconhecemos o papel primordial da filologia na análise do texto literário, porque só ela pode garantir, com sua metodologia, a autenticidade autoral e a autenticidade material da letra e da forma do texto, o que vale tanto para os textos do passado, como para os textos contemporâneos. Sem a atividade filológica, o labor hermenêutico seria sempre precário, como aliás será precário o labor filológico sem o labor hermenêutico. O princípio da emendatio somente se tornou válido pela interpretatio, conforme propõe o método neo-lachmanniano. Assim, uma das dimensões hermenêuticas mais fecundas e mais modernas da filologia tem a ver com a leitura. Na verdade, a leitura é a primeira expressão do impulso filológico. Ou seja: o amor da filologia à palavra manifesta-se principalmente numa forma acurada de leitura, vagarosa e minudente, que abre as portas à compreensão e à crítica literária do texto, pelo contexto, pela biografía e pela intenção do autor, surge uma filologia depurada e dialogante com a teoria da literatura contemporânea, uma teoria aberta, jamais fechada. Afinal, esta filologia que congraça a gramática e a retórica, a linguística e a literatura, a textualidade e a sua inscrição na história, esta filologia que integra em si determinados valores é que deve retornar, com legitimidade e com dignidade, às nossas Universidades, figurando, necessariamente, como disciplina no planejamento de estudo dos cursos de graduação e pós-graduação.

Para concluir, parece-nos oportuno lembrar o conceito de filologia dado por Fernando Lazaro Carreter em seu conhecido *Dicionário de termos filológicos*, da Gredos:

Filologia. Antigamente se designou assim a ciência que se ocupava de fixar, restaurar e comentar os textos literários, tratando de extrair deles as regras do uso

linguístico. Modernamente, a filologia ampliou seu campo, convertendo-se na ciência que estuda a linguagem, a literatura e todos os fenômenos de cultura de um povo ou de um grupo de povos por meio de textos escritos. Nesse sentido, fala-se de filologia clássica, que se ocupava da Antiguidade greco-latina; ou de filologia românica, que cumpre seus fins no domínio das línguas neolatinas.

A preocupação com a língua falada, de um lado, e, de outro, o comparativismo, que opera muitas vezes sem poder-se apoiar em textos escritos, deram origem a uma nova ciência, a Linguística, com que, algumas vezes, erroneamente, se confunde a Filologia. Ambas as ciências estudam a linguagem, mas de modos distintos. A Filologia estuda a linguagem com vistas a maior compreensão ou fixação de um texto; a Linguística, por outro lado, centra o seu interesse na língua, falada ou escrita, utilizando textos, quando eles existem, só como meio para melhor conhecer a língua.

Portanto, a Filologia, helenismo que significa "amor à ciência, à erudição", centra-se numa exegese horizontal e vertical de textos literários. Por isso, por Filologia também se entende o estudo da língua como instrumento de uma literatura, distinguindo-se assim da Linguística, conceito que já estava em Carolina Michaëlis de Vasconcelos: "estudo da língua em toda a sua plenitude e dos textos literários (prosa e verso) que servem de documentação ou que documentam a língua."(Lições de Filologia Portuguesa. Lisboa, 1926, p.9). Documentação, acrescente-se, que tanto pode ser em termos diacrônicos, como em termos sincrônicos. Mas sempre em relação a textos escritos, excluindo-se assim as pesquisas voltadas exclusivamente para a descrição e funcionamento da língua falada, estas últimas como objeto específico da Linguística. E por aqui já se vê que a essência dos estudos filológicos se encontra na edição crítica de textos, incluindo-se a crítica textual no vasto campo da Ecdótica, como procuramos mostrar em dois livros já publicados: *Iniciação em crítica textual* (Presença – EDUSP) e Base teórica de crítica textual (H.P. Comunicação). Claro está que, de um filólogo moderno, além do conhecimento puramente gramatical, deve-se exigir, ainda, ampla e sólida base filológica e linguística. E de tudo isso se conclui, sem qualquer dificuldade, que a literatura é o espaço altamente privilegiado para o exercício e funcionamento da língua, sendo este o objeto específico, o objeto nuclear dos estudos filológicos. No caso, várias outras disciplinas, naturalmente conexas, assumem importante função subsidiária, como a Linguística Geral e Aplicada, a Gramática, a descritiva e a normativa, a Codicologia, a Paleografia, a Sociologia, a Antropologia Cultural, a Filosofia da Linguagem, entre muitas outras. E a serviço dessa Filologia é que nos reunimos aqui, dando continuidade às lições que recebemos dos nossos maiores, aqueles que fundaram a nossa entidade e aqueles que nos antecederam, todos honrando, pela palavra e pelo exemplo, a Academia Brasileira de Filologia.